



USO DE PSICOESTIMULANTES CEREBRAIS PELOS ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Gabryella dos Santos Ferreira¹, Rita de Cássia Sudário Lima¹, Vitória Medeiros Paixão¹, Eduardo Queiroz Monteiro¹, Fhelipe Aguiar Costa de Oliveira¹, Vitória Castro Barbosa¹, Julia Jayme Maia², Lucas França Arataque³, Astério Souza Magalhães Filho⁴



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n10p3122-3137>

Artigo recebido em 29 de Agosto e publicado em 19 de Outubro

RESUMO

Introdução: O uso de psicoestimulantes cerebrais, como o metilfenidato e a modafinila, tem se tornado cada vez mais comum entre estudantes de medicina. Esse comportamento é motivado pelas exigências acadêmicas intensas e pela busca por um desempenho cognitivo elevado. Contudo, seu uso indiscriminado suscita preocupações sobre os riscos à saúde e dilemas éticos no ambiente acadêmico. **Objetivos:** Investigar a prevalência do uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina, as motivações subjacentes, os impactos na saúde física e mental e as implicações éticas. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica de estudos publicados entre 2018 e 2024, selecionados a partir de bases de dados como PubMed, SciELO, BVS e Google Scholar. Foram incluídos artigos que analisavam o uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina para melhora do desempenho cognitivo. **Resultados e Discussão:** A análise identificou que o uso de psicoestimulantes é amplamente impulsionado pelas demandas acadêmicas. O metilfenidato foi o fármaco mais utilizado. Os principais efeitos adversos reportados incluem insônia, ansiedade e cansaço intenso, enquanto a automedicação é prevalente. **Considerações Finais:** O uso não prescrito de psicoestimulantes entre estudantes de medicina representa um risco significativo à saúde e levanta questões éticas sobre a equidade acadêmica. É necessário fortalecer a regulamentação e promover intervenções educacionais que abordem os perigos do uso indiscriminado dessas substâncias, além de incentivar alternativas saudáveis para o gerenciamento do estresse acadêmico.

Palavras-chave: Psicoestimulantes. Estudantes de Medicina. Desempenho Cognitivo, Automedicação.

THE USE OF CEREBRAL PSYCHOSTIMULANTS BY MEDICAL STUDENTS: A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

Introduction: The use of cerebral psychostimulants, such as methylphenidate and modafinil, has become increasingly common among medical students. This behavior is motivated by intense academic demands and the pursuit of enhanced cognitive performance. However, its indiscriminate use raises concerns about health risks and ethical dilemmas in the academic environment. **Objectives:** To investigate the prevalence of psychostimulant use among medical students, the underlying motivations, the impacts on physical and mental health, and the ethical implications. **Methodology:** A bibliographic review of studies published between 2018 and 2024 was conducted, selecting articles from databases such as PubMed, SciELO, BVS, and Google Scholar. The review included articles analyzing the use of psychostimulants by medical students to enhance cognitive performance. **Results and Discussion:** The analysis identified that psychostimulant use is largely driven by academic demands. Methylphenidate was the most commonly used drug. The main adverse effects reported include insomnia, anxiety, and intense fatigue, while self-medication was prevalent. **Conclusions:** The non-prescribed use of psychostimulants among medical students poses significant health risks and raises ethical questions about academic fairness. It is necessary to strengthen regulations and promote educational interventions that address the dangers of indiscriminate psychostimulant use, as well as encourage healthy alternatives for managing academic stress.

Keywords: Psychostimulants. Medical Students. Cognitive Performance. Self-medication.

Instituição afiliada – 1 - Graduando(a) em Medicina pela Faculdade Presidente Antônio Carlos - ITPAC Porto; 2 - Graduanda em Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA; 3 - Graduado em Medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA; 4 - Mestre em Ciências IPEN/USP e Especialista em Clínica Médica pela SBCM/AMB

Autor correspondente: Vitória Medeiros Paixão vitoramedeirospaixao@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O uso de psicoestimulantes cerebrais, comumente conhecidos como “smart drugs” ou nootrópicos, tem ganhado crescente atenção em diversas esferas acadêmicas e sociais, especialmente entre estudantes universitários, como os de medicina. Estes medicamentos, originalmente prescritos para condições como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e distúrbios do sono, como a narcolepsia, têm sido utilizados de forma off-label, ou seja, sem indicação médica, por indivíduos que buscam melhorar suas capacidades cognitivas e o desempenho acadêmico (Iria, 2022).

Esse comportamento é impulsionado por uma cultura acadêmica cada vez mais competitiva, onde o sucesso é frequentemente medido pela produtividade e excelência acadêmica. No contexto específico dos estudantes de medicina, o uso de psicoestimulantes cerebrais reflete uma resposta às pressões extremas da formação médica, que envolve longas horas de estudo, estágios práticos extenuantes, a necessidade de lidar com extensos volumes de informação e a expectativa de obter um desempenho acadêmico e profissional excepcional (Muniz & Almeida, 2021).

Muitos estudantes buscam nas drogas como o metilfenidato, anfetaminas e modafinila uma maneira de aumentar a concentração, prolongar o tempo de vigília e combater a fadiga mental. No entanto, esse fenômeno levanta preocupações crescentes, tanto do ponto de vista médico quanto ético. Do ponto de vista da saúde, os psicoestimulantes podem oferecer benefícios temporários em termos de foco e energia, mas seu uso indiscriminado pode acarretar riscos significativos. Efeitos adversos, como insônia, ansiedade, taquicardia e, em casos mais graves, dependência, são riscos conhecidos (Brito & Lima, 2022).

Além disso, o uso contínuo dessas substâncias pode impactar o equilíbrio psicológico e o bem-estar emocional dos estudantes, aumentando o risco de burnout e outros transtornos mentais. A longo prazo, os impactos sobre a memória e outras funções cognitivas ainda são objeto de debate na comunidade científica. Paralelamente, o uso de psicoestimulantes entre estudantes de medicina também suscita profundas questões éticas e sociais (Ferreira et al., 2023).

A prática de utilizar substâncias para melhorar o desempenho cognitivo coloca em xeque a questão da equidade acadêmica. Estudantes que têm acesso a esses



medicamentos, seja por vias legais ou informais, podem estar em vantagem competitiva sobre aqueles que não os utilizam, criando um ambiente de competição potencialmente desigual. Isso levanta o debate sobre o que seria considerado justo no ambiente acadêmico e como essas práticas podem influenciar a percepção do mérito e da competência profissional (Ferraz et al., 2018).

Outro ponto a ser considerado é o impacto dessa cultura de uso de psicoestimulantes na formação de futuros médicos. Médicos são frequentemente vistos como exemplos de saúde e conduta ética, e o uso de substâncias para fins de aumento de desempenho levanta preocupações sobre a integridade e o preparo desses profissionais para enfrentar as complexidades da prática médica de maneira ética e equilibrada. A utilização de drogas para lidar com o estresse e a pressão acadêmica pode, inclusive, ser um indicador de vulnerabilidades que, se não abordadas adequadamente durante a formação, podem se refletir na prática médica (Silva et al., 2020).

Diante desse cenário, é imperativo realizar uma análise aprofundada sobre o uso de psicoestimulantes entre os estudantes de medicina. Esta revisão bibliográfica se propõe a investigar a prevalência deste comportamento, os principais fatores motivacionais que levam ao uso dessas substâncias, as consequências para a saúde física e mental, bem como as implicações éticas envolvidas. Ademais, serão discutidas as evidências científicas quanto à eficácia real dos psicoestimulantes no aumento do desempenho cognitivo e as possíveis alternativas mais seguras e sustentáveis para lidar com as demandas intensas do ambiente acadêmico médico, como estratégias de gerenciamento de tempo, práticas de autocuidado e programas de apoio psicológico. Assim, esta revisão busca contribuir para o debate sobre a segurança, a ética e a sustentabilidade do uso de psicoestimulantes no meio acadêmico, com especial ênfase nos desafios enfrentados pelos estudantes de medicina.

METODOLOGIA

Este trabalho constituiu uma revisão bibliográfica narrativa, realizada com o objetivo de analisar o uso de psicoestimulantes cerebrais por estudantes de medicina, com foco em estudos publicados entre 2018 e agosto de 2024. A metodologia adotada



foi delineada em várias etapas, incluindo a definição de critérios de inclusão e exclusão, a busca e seleção de estudos relevantes, além da análise e síntese dos resultados obtidos.

O período selecionado para a revisão foi de janeiro de 2018 a agosto de 2024, escolhido com o intuito de capturar as publicações mais recentes e relevantes, especialmente considerando o aumento das discussões sobre o uso de psicoestimulantes entre universitários nos últimos anos. Esse recorte temporal também visou abranger avanços no entendimento dos riscos, benefícios e impactos sociais dessa prática.

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados eletrônicas relevantes para o tema, incluindo PubMed, SciELO, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Google Scholar. Essas bases foram selecionadas devido à sua relevância na área de ciências da saúde e pela oferta de uma vasta gama de artigos, dissertações e revisões de literatura em saúde, educação e neurociência.

Os termos de busca utilizados incluíram combinações de palavras-chave como "psicoestimulantes", "nootrópicos", "estudantes de medicina", "uso de drogas cognitivas", "desempenho acadêmico", "riscos à saúde", "modafinila", "metilfenidato" e "uso não médico de medicamentos". Essas palavras foram aplicadas em português, inglês e espanhol para garantir maior abrangência dos estudos disponíveis.

Para assegurar a relevância e a qualidade dos estudos selecionados, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: estudos publicados entre janeiro de 2018 e agosto de 2024; pesquisas que abordassem especificamente o uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina ou universitários, com foco no uso para melhoria do desempenho cognitivo; artigos publicados em periódicos revisados por pares ou em revistas acadêmicas de alto impacto; estudos quantitativos, qualitativos ou de revisão que apresentassem dados sobre prevalência, motivações, riscos à saúde e questões éticas relacionadas ao uso de psicoestimulantes; e artigos disponíveis nos idiomas português, inglês ou espanhol.

Quanto aos critérios de exclusão, foram considerados: estudos publicados fora do período de 2018 a 2024; artigos que não abordassem especificamente o uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina, ou que focassem em outras populações



(por exemplo, estudantes de outras áreas ou profissionais da saúde); trabalhos de opinião, editoriais ou artigos sem fundamentação empírica; estudos com foco exclusivo em outras substâncias psicoativas não relacionadas aos psicoestimulantes (como álcool ou drogas recreativas); e artigos com dados incompletos ou sem acesso ao texto completo.

A seleção dos artigos seguiu as etapas de busca inicial nas bases de dados, seguida pela análise dos títulos e resumos. Aqueles que se mostraram relevantes para o tema em questão tiveram seus textos completos lidos e analisados. Todos os artigos que atenderam aos critérios de inclusão foram incorporados à revisão.

A síntese dos dados foi realizada de forma qualitativa, destacando-se os principais achados em relação à prevalência do uso de psicoestimulantes, motivações relatadas pelos estudantes, efeitos colaterais identificados e aspectos éticos mencionados. Além disso, foi dado destaque aos estudos que investigaram a eficácia real dos psicoestimulantes na melhora do desempenho cognitivo e àqueles que propuseram alternativas seguras ao uso dessas substâncias.

Essa revisão bibliográfica seguiu rigorosos padrões éticos na seleção e análise dos artigos, utilizando apenas fontes disponíveis publicamente e preservando a integridade dos autores originais. Nenhuma informação sensível foi manipulada durante o processo de revisão.

A metodologia empregada possibilitou a elaboração de uma revisão abrangente e atualizada sobre o uso de psicoestimulantes entre estudantes de medicina, destacando as principais tendências, riscos e debates éticos sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a fase inicial de busca, foram encontradas 131 referências relacionadas ao uso de psicoestimulantes cerebrais por estudantes de medicina. Após uma triagem cuidadosa, que incluiu a análise dos resumos e dos principais resultados dos estudos, 28 artigos foram selecionados para uma avaliação mais detalhada. No entanto, durante a leitura completa desses 28 artigos, observou-se que a maioria não atendia aos critérios de inclusão previamente definidos para o estudo. Dessa forma, chegou-se a apenas 08 estudos, os quais foram considerados relevantes para a abordagem do tema.

A tabela foi elaborada com base nos principais achados da literatura, considerando os seguintes critérios: o nome do(s) autor(es), o ano de publicação, o objetivo do estudo, a metodologia utilizada, os principais resultados obtidos e as respectivas conclusões. Esses elementos foram selecionados de maneira criteriosa para proporcionar uma visão clara e objetiva sobre as contribuições de cada estudo em relação ao uso de psicoestimulantes cerebrais por estudantes de medicina, garantindo assim uma análise robusta e fundamentada sobre o tema.

Quadro 01 - Artigos selecionados que abordam o uso de psicoestimulantes cerebrais pelos estudantes de medicina

Autor(es)	Ano	Objetivo do estudo	Metodologia	Principais resultados	Conclusão
Masini et al.	2019	Analisar o consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina na FASB.	Estudo quantitativo.	Diversos alunos relataram o início do uso de psicoestimulantes antes de adentrarem na graduação e o motivo que leva ao consumo é a necessidade de aumento da capacidade cognitiva. Dentre os principais psicoestimulantes estão: bebidas energéticas, seguidas de vitaminas, guaraná em pó e por fim, o metilfenidato com a maior prevalência dentre todos.	A graduação em Medicina é extremamente exigente, levando os estudantes a buscar alternativas para superar suas limitações e lidar com as dificuldades exacerbadas pelo cansaço físico decorrente de uma rotina intensa. A pesquisa revelou que o uso de estimulantes cerebrais entre os alunos começou de forma precoce, com a maioria ainda no ciclo básico, enquanto apenas uma turma havia iniciado o ciclo clínico. Isso sugere que a carga horária de estágios, juntamente com a sobrecarga de trabalhos e pesquisas, tende a aumentar, o que pode elevar ainda mais esses índices de uso. Além disso, é preocupante a quantidade de estimulantes consumidos sem a devida prescrição médica, o que destaca a relevância desta pesquisa e a necessidade de acompanhamento contínuo dos acadêmicos ao longo do curso.
Mincoff, Barretos & Jesus.	2018	Identificação e análise relacionada ao consumo do uso de substâncias psicoestimulantes por	Revisão integrativa.	Os estudos analisados indicaram que os psicoestimulantes mais utilizados entre os estudantes de medicina são	Confirmou-se que o uso indiscriminado dessas substâncias, ocorrem pela facilidade de acesso dentro da comunidade acadêmica e a



USO DE PSICOESTIMULANTES CEREBRAIS PELOS ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ferreira et. al.

		estudantes de medicina.		as anfetaminas, o metilfenidato, a cafeína e o modafinil. Observou-se que o excesso de demandas acadêmicas do curso de medicina se apresenta como um fator de risco significativo para o desenvolvimento de instabilidade emocional, aumentando o potencial para comportamentos suicidas. Ressalta-se a importância de que os gestores das instituições de ensino superior prestem mais atenção a esse problema, que é pouco abordado nas diretrizes nacionais dos cursos de medicina.	dificuldade em manejar os desafios apresentados ao longo da jornada do curso.
Lopes et al.	2024	Avaliar a eficácia e riscos do uso de psicoestimulantes em contextos acadêmicos.	Revisão sistemática de literatura.	Os estudos demonstraram a existência de baixa supervisão médica e uso indiscriminado dos estudantes dos fármacos por estudantes de medicina, uma vez que os mesmos sobrepõem os benefícios aos riscos do uso desses medicamentos.	Notou-se a necessidade de métodos regulatórios mais rigorosos para acesso a estes medicamentos, além da criação de campanhas educacionais que abordem os riscos associados ao uso não prescrito desses fármacos.
Alves et al.	2023	Análise dos fatores preponderantes relacionados ao uso de estimulantes cerebrais no ambiente universitário.	Revisão integrativa de literatura.	Diversos fatores contribuem para o uso de substâncias estimulantes por estudantes universitários, incluindo a busca por aprimoramento cognitivo, melhora da atenção e do estado de alerta, aumento da concentração, além de alívio do estresse e elevação do humor. No entanto, o consumo desses medicamentos sem orientação médica não deve ser considerado algo normal, uma vez que pode desencadear comportamentos problemáticos e riscos significativos à saúde.	É fundamental ressaltar a importância de realizar mais pesquisas sobre o tema, com o objetivo de aprofundar as discussões sobre a medicalização na sociedade. Essas investigações são essenciais para auxiliar na formulação de políticas públicas e estratégias eficazes voltadas para a prevenção do consumo abusivo e irracional de substâncias psicoativas.
Araujo.	2020	Determinar a prevalência do uso de	Pesquisa de caráter	A pesquisa envolveu 168 estudantes, predominando o	O uso de metilfenidato levanta várias preocupações



USO DE PSICOESTIMULANTES CEREBRAIS PELOS ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ferreira et. al.

		neuroestimulantes entre estudantes de Medicina em um centro universitário.	transversal, descritivo e de abordagem quantitativa.	sexo feminino (62,5%) e a faixa etária de 22 a 25 anos (49,4%). Cerca de 41% dos participantes admitiram o uso de neuroestimulantes sem prescrição, principalmente para aumentar a concentração (89,8%). O metilfenidato foi o fármaco mais utilizado (89,8%), com a melhora no raciocínio sendo o efeito mais percebido (76,8%), enquanto o efeito adverso mais comum foi o cansaço intenso (42%).	quanto à sua segurança e ao risco de consumo descontrolado. Por isso, é fundamental desenvolver políticas públicas e institucionais que reduzam o uso dessas substâncias entre estudantes de Medicina, promovendo uma melhor qualidade de vida para esse grupo.
Rouso et al.	2024	Revisar dentro da literatura o uso indiscriminado de Meetilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de medicina.	Revisão bibliográfica.	As substâncias que estimulam o cérebro possuem várias propriedades, como aumento da motivação, estado de alerta e tempo de vigília, o que leva muitos acadêmicos a se automedicarem com esses estimulantes na expectativa de melhorar seu desempenho em avaliações. Os estudos existentes mostram que a maioria dos estudantes recorre ao metilfenidato ou à lisdexanfetamina durante períodos de provas e momentos de estresse. No entanto, há uma escassez de pesquisas que estabeleçam a verdadeira prevalência do uso não prescrito dessas substâncias entre os estudantes de Medicina, o que impacta diretamente na formulação de políticas de saúde pública eficazes.	Diante do aumento significativo do uso de estimulantes não prescritos, é fundamental ampliar as pesquisas nas universidades brasileiras para compreender a prevalência desse fenômeno e realizar um diagnóstico adequado da questão. Essa compreensão é crucial para que sejam desenvolvidas medidas eficazes de saúde pública que abordem essa problemática de maneira adequada.
Lutinski, Bubans & Weigher.	2023	Avaliação do consumo de estimulantes cerebrais por médicos e estudantes de medicina, considerando a relação entre a escolha e o uso desses medicamentos dentre a população da amostra.	Estudo analítico transversal.	A coleta de dados incluiu 79 acadêmicos do curso de Medicina e dois médicos da região oeste de Santa Catarina. Os principais motivos que levaram acadêmicos e médicos a buscar o uso de substâncias psicoativas foram a redução do sono e da fadiga, o	Conclui-se que o uso de estimulantes cerebrais entre médicos e acadêmicos está intimamente ligado à escolha do curso de Medicina, que apresenta uma carga horária significativamente maior em comparação a outras graduações. Essa carga intensa resulta em pouco



				aumento da disposição e a melhoria na concentração e raciocínio, corroborando tendências observadas em outros estudos. Aproximadamente 96% dos participantes relataram o uso regular de psicoestimulantes, sendo o álcool, bebidas energéticas e cafeína as substâncias mais consumidas, nesta ordem de prevalência. Além disso, 79% dos estudantes afirmaram já utilizar estimulantes antes de ingressar na universidade, um fato que pode ser atribuído à intensa jornada de estudos pré-vestibular que frequentemente antecede a entrada no ensino superior.	tempo disponível para estudos extraclasse e cria uma rotina exaustiva para os profissionais da área. Como consequência, esse público-alvo torna-se mais vulnerável ao consumo de psicoestimulantes, buscando manter a atenção plena e a disposição necessárias para enfrentar os desafios diários de trabalho e estudo.
Diniz et al.	2023	Análise das complicações associadas ao uso de metilfenidato por estudantes do curso de medicina.	Revisão de literatura.	Os artigos utilizados para a construção do trabalho descreveram uma ampla gama de efeitos adversos, que variam desde taquicardia, náuseas e cefaleia até complicações mais graves, como distúrbios cardiovasculares, episódios maníacos e risco de morte.	Concluiu-se a necessidade de orientação sobre o uso correto da medicação, assim como a não autoprescrição de medicamentos que devem ter seu uso atrelado ao acompanhamento de um profissional de saúde.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diversos alunos relataram que começaram a usar psicoestimulantes antes de ingressar na graduação, motivados pela necessidade de aumentar a capacidade cognitiva. Entre os principais psicoestimulantes consumidos, destacam-se as bebidas energéticas, seguidas de vitaminas, guaraná em pó e, por fim, o metilfenidato, que apresenta a maior prevalência. A graduação em Medicina é extremamente exigente, levando os estudantes a buscar alternativas para superar suas limitações e lidar com as dificuldades exacerbadas pelo cansaço físico decorrente de uma rotina intensa. A pesquisa revelou que o uso de estimulantes cerebrais começou de forma precoce, com a maioria dos alunos ainda no ciclo básico, enquanto apenas uma turma havia iniciado o ciclo clínico. Isso sugere que a carga horária de estágios, juntamente com a sobrecarga de trabalhos e pesquisas, tende a aumentar, o que pode elevar ainda mais esses índices



de uso (Masini *et al.*, 2019). Além disso, é preocupante a quantidade de estimulantes consumidos sem a devida prescrição médica, o que ressalta a relevância desta pesquisa e a necessidade de acompanhamento contínuo dos acadêmicos ao longo do curso.

Os estudos analisados revelaram que os psicoestimulantes mais comuns entre estudantes de Medicina incluem anfetaminas, metilfenidato, cafeína e modafinil. O aumento das demandas acadêmicas neste curso é identificado como um fator de risco significativo para o desenvolvimento de instabilidade emocional, elevando a possibilidade de comportamentos suicidas. É fundamental que os gestores das instituições de ensino superior atentem para essa questão, que ainda é pouco abordada nas diretrizes nacionais dos cursos de Medicina. Além disso, confirmou-se que o uso indiscriminado dessas substâncias ocorre devido à facilidade de acesso dentro da comunidade acadêmica e à dificuldade em lidar com os desafios enfrentados ao longo da formação (Mincoff, Barretos & Jesus, 2018).

Diante desse cenário, evidenciou-se a baixa supervisão médica e o uso indiscriminado de fármacos por estudantes de Medicina, que frequentemente priorizam os benefícios em detrimento dos riscos associados ao uso desses medicamentos. Isso ressalta a necessidade de implementar métodos regulatórios mais rigorosos para o acesso a essas substâncias, além de desenvolver campanhas educacionais que abordem os perigos do uso não prescrito desses fármacos (Lopes *et al.*, 2024).

Diversos fatores levam estudantes universitários a utilizar substâncias estimulantes, como a busca por aprimoramento cognitivo, aumento da atenção e do estado de alerta, elevação da concentração, além do alívio do estresse e da melhoria do humor. Contudo, o consumo desses medicamentos sem orientação médica não deve ser encarado como algo comum, pois pode resultar em comportamentos problemáticos e riscos sérios à saúde. Portanto, é crucial enfatizar a necessidade de mais pesquisas sobre essa temática, visando aprofundar as discussões acerca da medicalização na sociedade. Essas investigações são essenciais para a formulação de políticas públicas e estratégias eficazes que previnam o uso abusivo e irracional de substâncias psicoativas (Alves *et al.*, 2023).

A pesquisa incluiu 168 estudantes, com uma predominância de mulheres (62,5%) e a maioria na faixa etária de 22 a 25 anos (49,4%). Aproximadamente 41% dos participantes relataram o uso de neuroestimulantes sem prescrição, sendo que 89,8%



desses estudantes utilizam essas substâncias principalmente para aumentar a concentração. O metilfenidato foi o fármaco mais frequentemente empregado (89,8%), com 76,8% dos usuários percebendo uma melhora em seu raciocínio. Por outro lado, o efeito adverso mais comumente relatado foi o cansaço intenso, que afetou 42% dos participantes (Araujo, 2020).

As substâncias que estimulam o cérebro possuem diversas propriedades, como o aumento da motivação, estado de alerta e tempo de vigília, o que leva muitos acadêmicos a se automedicarem na esperança de melhorar seu desempenho em avaliações. Estudos indicam que a maioria dos estudantes recorre ao metilfenidato ou à lisdexanfetamina durante períodos de provas e momentos de estresse. No entanto, há uma carência de pesquisas que estabeleçam a verdadeira prevalência do uso não prescrito dessas substâncias entre estudantes de Medicina, o que impacta diretamente a formulação de políticas de saúde pública eficazes (Rouso *et al.*, 2024). Diante do crescimento significativo desse uso, é fundamental ampliar as investigações nas universidades brasileiras para compreender melhor a prevalência desse fenômeno e realizar um diagnóstico adequado, sendo essa compreensão crucial para o desenvolvimento de medidas de saúde pública que abordam essa problemática de forma efetiva.

A coleta de dados abrangeu 79 acadêmicos de Medicina e dois médicos da região oeste de Santa Catarina, identificando que os principais motivos para o uso de substâncias psicoativas incluem a redução do sono e da fadiga, aumento da disposição e melhora na concentração e raciocínio, alinhando-se a tendências observadas em outros estudos. Cerca de 96% dos participantes relataram o uso regular de psicoestimulantes, com álcool, bebidas energéticas e cafeína sendo as substâncias mais consumidas, nesta ordem de prevalência. Além disso, 79% dos estudantes indicaram que já utilizavam estimulantes antes de ingressar na universidade, um fenômeno que pode ser relacionado à intensa jornada de estudos pré-vestibular (Lutinski, Bubans & Weigher, 2023). Conclui-se que o uso de estimulantes cerebrais entre médicos e acadêmicos está fortemente associado à escolha do curso de Medicina, que exige uma carga horária significativamente maior do que outras graduações. Essa intensa carga de trabalho reduz o tempo disponível para estudos extraclasse e resulta em uma rotina extenuante, tornando esse público mais vulnerável ao consumo de psicoestimulantes



na busca por manter a atenção e a disposição necessárias para enfrentar os desafios diários de trabalho e estudo.

Os artigos analisados na elaboração deste trabalho evidenciaram uma variedade de efeitos adversos associados ao uso de substâncias psicoativas, que vão desde taquicardia, náuseas e cefaleia até complicações mais sérias, como distúrbios cardiovasculares, episódios maníacos e até risco de morte. Diante desses achados, conclui-se que é fundamental promover a orientação adequada sobre o uso correto desses medicamentos, enfatizando a importância de evitar a autoprescrição, uma vez que a utilização de tais substâncias deve sempre estar vinculada ao acompanhamento de um profissional de saúde (Diniz *et al.*, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do uso de psicoestimulantes entre estudantes de Medicina revela um fenômeno preocupante, impulsionado pela pressão acadêmica e pela busca por melhores desempenhos. A predominância do uso indiscriminado de substâncias como metilfenidato e anfetaminas, frequentemente sem prescrição médica, acarreta não apenas riscos à saúde física e mental, mas também levanta questões éticas relacionadas à equidade no ambiente acadêmico. Os dados indicam que uma parcela significativa dos estudantes recorre a essas substâncias desde o período pré-vestibular, o que reflete a normalização do uso de psicoestimulantes em um contexto de alta exigência e competitividade.

Adicionalmente, os efeitos adversos associados ao uso dessas substâncias, que vão de insônia e ansiedade a complicações cardiovasculares, destacam a urgência de abordar esse problema de forma multifacetada. A cultura de automedicação observada entre os acadêmicos é um reflexo de uma estrutura educacional que frequentemente prioriza o desempenho acadêmico em detrimento do bem-estar emocional e da saúde mental dos estudantes. Essa situação não apenas compromete a integridade física e emocional dos alunos, mas também coloca em risco a formação de profissionais da saúde que, idealmente, deveriam servir como exemplos de bem-estar e ética.

Por consequência, é imperativo que instituições de ensino superior promovam uma maior supervisão médica, desenvolvam campanhas educacionais sobre os riscos do



uso não prescrito e incentivem práticas saudáveis de gerenciamento do estresse e da carga de trabalho. A implementação de programas de apoio psicológico, que abordem as demandas emocionais e a saúde mental dos estudantes, também se faz necessária para criar um ambiente mais equilibrado e sustentável.

Além disso, a realização de mais pesquisas sobre essa temática é crucial para fundamentar políticas públicas que abordem de forma eficaz o consumo abusivo de substâncias psicoativas. Tais investigações devem focar na compreensão da prevalência do uso de psicoestimulantes, nos fatores motivacionais que levam os estudantes a recorrer a essas substâncias e nas consequências a longo prazo para a saúde e a performance acadêmica. Garantir um suporte adequado e um acompanhamento contínuo dos acadêmicos ao longo do curso não só contribuirá para o desenvolvimento de profissionais mais saudáveis e equilibrados, mas também promoverá uma reflexão mais profunda sobre o que significa sucesso acadêmico na formação médica.

Em suma, a problemática do uso de psicoestimulantes entre estudantes de Medicina exige uma abordagem abrangente que considere não apenas os aspectos individuais da saúde, mas também as condições sociais e estruturais que fomentam esse comportamento. A construção de um ambiente acadêmico mais saudável, ético e sustentável deve ser uma prioridade para gestores educacionais, profissionais de saúde e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ALVES, Suzana Pereira et al. Análise dos fatores preponderantes ao uso de estimulantes cerebrais por estudantes universitários: uma revisão integrativa. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, v. 16, n. 10, p. 19855-19875, 2023.

ARAÚJO, Jordânia Giselle de. CONSUMO DE NEUROESTIMULANTES POR ESTUDANTES DE MEDICINA. **Repositório Institucional do Unifip**, v. 5, n. 1, 2020.

BRITO, Ana Rosa Novaes; LIMA, Cristiane Gomes. Frequência do uso da ritalina por estudantes para um melhor desempenho acadêmico. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, v. 4, n. 4, p. 416-424, 2022.

DINIZ, Ana Clara Rodrigues et al. Complicações associadas ao uso não-prescritivo de metilfenidato entre estudantes de medicina. **2º Congresso Brasileiro de Saúde da Criança e do Adolescente**. Capítulo 56, 2023.



FERRAZ, Lucimare et al. Substâncias psicoativas: o consumo entre acadêmicos de uma universidade do sul do Brasil. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 27, n. 1, p. 371-386, 2018.

FERREIRA, Gabriela Milhomem et al. Uso de psicoestimulantes e sonolência diurna excessiva entre alunos do primeiro ao sexto ano de um curso de Medicina no Centro Oeste do Brasil. In: **CICURV-Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Rio Verde**. 2023.

IRIA, Lays Dos Santos et al. Uso y efectos de nootrópicos (smart drugs) por los estudiantes de medicina. **Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar**, v. 6, n. 5, p. 4710-4722, 2022.

LOPES, Janaína do Vale et al. Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 8, p. 1891-1906, 2024.

MASINI, LARA DOMINGUES et al. Análise do consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma faculdade do oeste da Bahia. **ANAIS ELETRÔNICO CIC**, v. 17, n. 1, 2019.

MINCOFF, Raquel Cristina Luis; DE ALMEIDA BARRETOS, Renan; JESUS, Matheus Vieira. Uso de psicoestimulantes por acadêmicos de medicina: uma revisão integrativa. **Revista Uningá**, v. 55, n. 4, p. 177-186, 2018.

MUNIZ, Letícia Ribeiro; DE ALMEIDA, Karine Cristine. Avaliação do consumo de estimulantes cerebrais entre os acadêmicos do Curso de Medicina de um Centro Universitário no interior de Minas Gerais. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1314-1326, 2021.

ROUSSO, Isabella Rodrigues et al. O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 24, p. e15977-e15977, 2024.

SILVA, João Victor Morais et al. Uso de substâncias psicoativas em estudantes de medicina no Brasil: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 93075-93083, 2020.